



© NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00

EDITORIAL

Num destes dias quentes e calmos que tanto nos aprazem, encontrávamo-nos no Cortinhal, disfrutando a magnífica paisagem que dali se abarca. À nossa frente espreguiçava-se um rio calmo e pouco profundo. As vaquinhas, as já famosas vacas de Gandra, estendiam-se num *dolce farniente* pelo paúl extenso e, mais ao fundo, esbatiam-se um tanto enevoadas as encostas do Faro. Com o olhar varejávamos tudo em redor, saltávamos sobre as águas, subíamos os montes, sondávamos as lonjuras. Uma delícia aquele local porque, além de bonito por si, está envolto numa paisagem inebriante.

ATÉ QUANDO?

Súbito, o nosso encantamento sofreu um corte. Muito perto de nós, quase à flor das águas do Cávado, encontrava-se um velho triciclo lançado por alguém na calada da noite. Afinal, depois de tantas campanhas a favor do rio, após aturados esforços do Arquitecto Pádua Ramos que nos meses de Agosto, ele e seus «muchachos», têm limpo as suas margens, apesar da vigilância e da paciência do Minguinhos e dos feitos heróicos dos nossos canoístas, as pessoas, algumas pessoas de Fão, continuam a conspurcar as águas ribeirinhas. Com a agravante de muito perto de suas casas dispõem de contentores para a recolha do lixo.

Este último pormenor fez-nos lembrar mais uma vez o falecido Prior Nogueira quando mandou colocar umas sentinas de tábua nos terrenos atrás da igreja. Os utentes, que pelos vistos não o eram, preferiam fazer ao lado, cá fora, do que entrar na «casinha».

Mas este caso aconteceu na Idade Média de Fão, há mais de quarenta anos, numa altura em que a ilustração não abundava. Depois disso muita água correu sob a ponte, o ensino generalizou-se com a abertura de escolas do Ciclo e do Secundário no concelho e, como já dizia Erasmo, há mais de quatrocentos anos, um maior acesso das pessoas às coisas da cultura acaba por aperfeiçoar os seus caracteres.

Devemos acoimar então os fangueiros de pouco civilizados? Nós só devemos julgar os povos, caracterizá-los, pelos espíritos mais nobres, pelos mais cultivados, enfim, pelas elites.

Mas estará a elite de Fão, as pessoas *mais*, acima de qualquer suspeita?

Quer Fão apareça sujo pelas suas elites ou não, o importante é que a porcaria seja erradicada definitivamente desta terra.

Já temos dito — e voltamos a repeti-lo — que não possuímos um clima como os algarvios que por isso se dão ao luxo (?) de reflorestar as suas terras com cimento armado e inquirar as suas águas. As noites quentes, a água com temperatura amena, as

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

ANSELMO MOREIRA

O coreto do Bom Jesus exerceu sempre sobre nós um certo fascínio. Elegante, sóbrio, feito de cimento e ferro, pode dizer-se que constitui um verdadeiro ex-libris de Fão.

A sua imponência, o seu requizmo, vinham ao de cima quando há muitos anos atrás havia aquela rivalidade entre Fão e Esposende que se verificava e assanhava no futebol (tempos do Xico e Franquelim) também e sobretudo na Romaria do Senhor de Fão. Como os mais velhos se lembram, havia para estes festejos duas comissões: das Pedreiras e de Fão. Cada uma arranjava a sua banda de música, os «tramboleiros» e até o fogo. Podiam os das Pedreiras conseguir os melhores agrupamentos musicais, Santiago de Ribá Ul, Gueifães da Maia, Revelhe, mas só o facto de os de Fão assentarem os seus músicos naquele coreto senhorial, logo lhes dava uma superioridade que a muito custo se disfarçava.

Ora nos nossos tempos de menino, o nome de Anselmo, o enfermeiro, andava muito ligado ao coreto. Saberemos já porquê lendo parte de uma carta que Quim Muata, fangueiro sempre ligado às coisas de sua terra, nos enviou: «Anselmo Moreira e sua esposa, D. Emília, eram enfermeiros não diplomados — nesse tempo ainda os não havia — a bordo de qualquer navio de passageiros e, talvez numa viagem de ou para o Brasil, tomaram conhecimento com qualquer fangueiro que os trouxe para enfermeiros do nosso Hospital — da Santa Casa da Misericórdia — onde por largos anos prestaram valiosos e relevantes serviços, até que um dia, ou por qualquer incompatibili-

dade com qualquer mesa ou porque passasse a ser obrigatório o diploma de enfermagem, tiveram que abandonar aquela sua actividade, mas continuando em Fão, terra que adoptaram como sua».

Quando ainda trabalhava no Hospital, foram bafejados pela sorte, tendo-lhes saído a lotaria num total de 3 contos de reis. Pois o casal de enfermeiros que nem de Fão era, numa demonstração de grande bairrismo, ofereceu essa quantia avultada para a edificação do actual coreto do Bom Jesus. Não foi uma esmola ou uma simples benemerência. Foi toda a fortuna que a Deusa Sorte lhes fizera entrar em casa.

«Durante algum tempo — diz-nos ainda o nosso informador — continuaram a exercer a sua actividade de enfermagem, mas, porque esta era pouco remunerada, acabou Anselmo Moreira por se dedicar à profissão de pescador a fim de poder sobreviver e educar os seus filhos, bem como o mais tarde célebre Avelino, pupilo de sua sogra que vivia consigo».

Não adiantamos mais nada a este perfil. Mais que um perfil nós recortamos hoje um gesto — hoje inexistente — que por si só define uma personalidade, personalidade esta que verdadeiramente se tornou num exemplo: dar do que fazia falta, porque dar do que nos sobra não é vantagem.

Terminamos ainda com as palavras de Quim Muata: «Bem merece, em nosso entender, a mesma homenagem que outros com menos merecimento tiveram — o nome numa das artérias de Fão».

Presença fangueira na Foz do Douro

Volto a encontrar informações sobre a presença de Fangueiros na Foz do Douro em documentos presentes no Arquivo Distrital desta cidade.

Em documento de 24 de Junho de 1695, sabemos que foi preso no «Couto de São João da Foz do Douro, Manuel Salgado mestre da lancha de fam, por invocação Santa Cruz, pela culpa de não querer pagar o nabo de dois peixes gregos (sic) que trouzera, porquanto fora a Sobreiras e deixou de pagar o nabo e aí vendera grande quantidade de peixe e tornava para o porto do Cantareira deste Couto, onde faz sua assistência e se tornara para o mar sem pagar o dito nabo».

Teria sido condenado «na pena de quatro mil reis... pediu o mandasse soltar, que queria pagar o dito nabo e o juiz o soltou... e ele dito mestre... se obrigou a pagar daqui em diante o nabo ao dito mosteiro e se sujeita às penas que lhe forem postas conforme a dita sentença».

Este «nabo» ou «nabas» constituía um imposto sobre o pescado.

É curioso verificar como este Fangueiro fez da Foz do Douro sua base de operações, numa época, em que aqui pescavam pescadores locais, de Valbom, Oliveira, Melres, Pedorido, Canelas, etc., de lugares situados no rio Douro.

Pelo meu conhecimento da histografia da Póvoa de Varzim, penso que os pescadores Fangueiros constituíam uma comunidade mais activa, nesta época de fim do séc. XVII.

Porém, já não seria assim, em 13 de Outubro de 1750, quando «Ana Francisca, moradora em São João da Foz, casada com Domingos Dias Fangueiro assistente na Baía apareceu perante o Tabelião... para que possam requerer toda a Justiça... e especialmente para que possam arrecadar do dito seu marido toda a e qualquer quantia de dinheiro que ha-

ja de mandar para este reino para ela Constituinte... E requerer em Juízo a execução de uma precatória dirigida às Justiças da cidade da Baía, para obrigarem ao dito seu marido a vir para este reino por se achar ausente dela há anos e do próximo sem faculdade dela constituinte».

Por aqui se vê, como eram os azares dos Fangueiros no passado. continuarão alguns a viver na Baía (no Brasil)?

Finalizo com outra citação que encontrei:

Numa estatística de construção naval, de 1860 a 1880, Esposende e Fão ocupam o 3.º lugar, com 111 unidades.

Só resta a lembrança de tal importância!

ÓSCAR FANGUEIRO

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

manhãs calmas não podem ser vivamente publicitadas junto aos operadores turísticos que trabalham para Ofir. Também acontecem mas não se amaram ao habitual. Agora o que nós poderíamos publicitar (se quiséssemos) é que a simpatia das gentes do norte, as suas paisagens e limpeza não tem rival no país. E ainda que Fão é (seria) um «rór-rãozinho sem igual». Infelizmente temos um rio colorido, envenenado e sujo; o pinhal é uma esterqueira e a praia deixa muito a desejar. (Quando se transformará a barraca dos banheiros num edifício minimamente suportável?)

Os hoteleiros, quando se deslocam lá fora em viagem de propaganda, desfazem-se em linguagem mimética e os turistas tem vindo.

Até quando?

POETA

*Ele é o cantor do amor que sempre dura
É fogo vivo em gelos colossais,
É qual facbo que afasta a noite escura,
Jardineiro em desertos e areais.*

*Há no seu coração outra pureza,
Na sua alma mora outra bondade,
Nos olhos brilha a luz duma beleza
Vinda dum sol com outra claridade.*

*O seu canto difunde no universo
Do sofrimento humano, a suavidade,
E possui o coração de pôr num verso
O poema de toda a Humanidade.*

*Um novo coração coloca em tudo
Que sofre, que agoniza, que lateja,
Nos espinhos da alma põe veludo,
Dá asas de condor a quem rasteja.*

*Mostra a grandeza da montanha erguida
A quem vive no abismo do pecado,
Dá setva nova à vida apodrecida
E deixa o petto humano engrinaldado.*

*Oferece uma aurora de inocência
A quem na vida tem só pôr de soís
E transforma o Inverno da Existência
Na estação de perfumes, rouxinóis.*

*Para quem nesta vida perde a luz
É bendito farol de salvação;
Para quem vai morrendo sob a cruz
Anuncia a feliz ressurreição.*

*E sonha, sonha com vergéis celestes
Cobertos de rebentos e de pomos,
Onde os jardins terão mais lindas vestes
E as pessoas serão o que não somos.*

*E também sonha que na terra impura
Com desertos humanos sem nascente.
Há-de brotar a fonte de água pura
Que matará a sede a toda a gente.*

*E pensa que não é uma químera
Este sonho nimbado de corais,
Pensa que vai chegar a Primavera
Onde os homens serão todos iguais.*

DINIS DE VILARELHO
Gondomar, 20-08-1988



SOFIR — SOCIEDADE DE TURISMO DE OFIR, S. A.

Capital Social: 24.000.000\$00
Mat. C. R. C. de Esposende n.º 25
NIPC - 500 271 283

DEPARTAMENTOS DE:
EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS
PROPRIEDADES: Construção, Compra e Venda
URBANIZAÇÕES

SEDE - OFIR (FÃO)
4740 ESPOSENDE
TELEF. 963855

DEPARTAMENTOS

- Empreendimentos Turísticos
- Compra e venda de Propriedades
- Construção civil
- Urbanizações

OBJECTIVOS

- Contribuir para o desenvolvimento turístico de Fão, em especial e, do concelho de Esposende em geral.
- Apoiar e participar em iniciativas socio-culturais e económicas da região.
- Criação, designadamente por via indirecta, de postos de trabalho.

POSSUI

- Prédios urbanos
- Terrenos urbanizáveis
- Projectos de expansão urbanística

SEMANA CULTURAL

Realizou-se entre 16 e 25 de Junho a I Semana Cultural, em Fão, promovida pelas Escolas Amorim Campos, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, antigo Ensino Primário. Dizer que esta Semana Cultural foi um êxito, afirmar que os objectivos a atingir foram alcançados será pouco para as pequenas multidões que assistiram às várias sessões; será pouco se aceitarmos como sinceros os elogios de quantos passaram pelos lugares de exposições; de quantos foram ouvir os palestrantes; de quantos presenciaram a inesquecível noite de teatro.

Por QUIM DE FÃO

Afirmar que as senhoras professoras de Fão se podem sentir recompensadas «moralmente» da tarefa de concretizarem a árdua planificação de um ano de trabalho é, no mínimo, o dever de todos os fagueiros, quer tenham ainda filhos na Amorim Campos, sinónimo de escolas de Fão, quer por lá já terem passado. Nós, fagueiros, não poderemos esquecer que os alicerces da educação dos nossos filhos e nossa também passou pelos bancos da Escola Primária; lá abriram-nos os «alicerces», lavando-nos a «cara», deram-nos a «sopa» e muito mais do que isso, ensinaram-nos a enfrentar o mundo do trabalho e da competição. Jovem saído da nossa escola, levava e leva consigo um «sinete» que o faz salientar como «Aluno de Fão». Isto diz muito do trabalho do Corpo Docente e, quantas vezes, esquecido na penumbra do tempo, neste mundo-cão. Se devemos a existência aos nossos progenitores, devemos a Educação aos nossos Professores.

Professores de Fão que não se limitam às quatro paredes, que não se limitam a ensinar por ensinar, mas que, de vez em quando, provocam um abanão neste adormecimento a que nos habituamos.

Festas do 1.º de dezembro, consoada de Natal; Carnava, Exposição de fim de ano e Jornal escolar são manifestações culturais que só Fão sabe fazer e que, com os nossos aplausos e incitamentos, acompanhamos no louvar da Inspeção e da senhora Presidente da Câmara que, publicamente, testemunharam o seu grande apreço por esta I Semana Cultural que teve o seguinte programa:

— Sexta-feira, dia 16, à noite, no Hotel do Pinhal em Fão-Ofir, realizou-se a abertura da Semana Cultural com um espectáculo de teatro ao qual assistiram cerca de quinhentas pessoas entre crianças e adultos. O texto representado pela Casa do Professor de Braga é da autoria da D. Luísa Lamela e intitula-se a «Gata Borracheira». Trata-se de uma adaptação do conto tradicional de teatro musicado, com um alto grau de criatividade e excelentemente interpretado, não ficando a dever nada ao teatro profissional. Neste momento, este grupo cultural conta já com setenta representações a título gracioso, tendo estado presente em várias semanas culturais e espectáculos de beneficência. Não pediu nem espera apoios oficiais e está aberto a todos as solicitações que lhe forem dirigidas

porque o seu lema é «Todos têm direito à cultura».

— No sábado, dia 17, o programa teve três momentos importantes: às 15.30 abriu uma Exposição Documental e Bibliográfica sobre Fão e a sua origem. Às 17 h, realizou-se uma visita guiada pelo Dr. Penteado Nova, ao centro histórico de Fão. Dezenas de pessoas incorporaram-se na visita-licção que foi atentamente escutada por adultos e crianças que, de caderno em punho, recolhiam as suas notas, iniciando-se, assim um novo ciclo de aprendizagem e outro modo de ver o património histórico local.

À noite, realizou-se uma palestra-debate acerca da origem histórica de Fão, a partir de vários painéis onde se salientaram algumas teses sobre «Origens de Fão»; Fão no séc. XIX; a construção naval; as profissões e migrações. Foram palestrantes os senhores-doutores Brochado de Almeida, da Faculdade de Letras do Porto; dr. Antunes de Abreu e dr. Penteado Neiva, grande publicista da história concelhia e director da Biblioteca Pública local.

De entre outras manifestações da semana Cultural, destacamos ainda uma palestra pela médica de família Dr.ª Nazaré Silva que perante cerca de duzentos encarregados de educação apresentou um excelente trabalho de campo sobre higiene escolar, alertando os pais para como prevenir doenças e contágios, contando com a colaboração da nossa conterrânea, senhora enfermeira.

— No sábado e domingo, últimos dias da semana Cultural realizaram-se dois programas a testemunharem o alto valor pedagógico do trabalho efectuado nos vários pólos escolares de Fão. Refiro-me à entrega dos Prémios aos alunos que mais se destacaram ao longo do ano e à exposição de trabalhos, manifestações que já vêm sendo habituais e que de ano para ano, sempre renovadas e ampliadas materializam pela positiva a inserção da escola no meio, como só a dinâmica dos nossos professores é capaz, sem foguetes e sem esperar prémios.

Apesar de todos os dissabores, apesar dos «críticos»... Que a Escola de Fão saiba continuar o lema que através de algumas gerações sempre a norteou — A Escola também é Fão — e tudo que se faça seja pelo «povo e com o povo». Parabéns!

PRÉMIOS ESCOLARES AMORIM CAMPOS

Desde 1939 e conforme consta do livro de registos desta Escola, são anualmente distribuídos alguns milhares (poucos) de escudos pelos alunos que ao longo do ano se distinguiram no comportamento e ou aproveitamento. É de registar, aqui na página do «Novo Fagueiro», não só o nome dos beneméritos, de fagueiros ilustres, mas também dos alunos que este ano foram contemplados.

• **Prémio Portugal Marreca:** — «Os melhores alunos do 4.º ano» — Pedro Costa Neves, Pedro Ribeiro Simões, David Portela Pedras, Paulo Pereira, José Soares Faria, Adérito Ribeiro, Nuno Filipe Carvalho do Vale, Artur Hipólito, Maria José Teixeira da

Costa, Tânia de Oliveira Rets, Ana Cristina Morais, Vânia Rodrigues, Ana Maria Gomes, Maria Luísa Araújo, Rute Amorim Pereira.

• **Prémio Campos Morais:** «Os melhores alunos do 4.º ano». Alunos — Américo Filipe Pereira, Sílvia Fonseca do Vale, Leonor Lopes.

• **Prémio Prior Nogueira:** «Comportamento». Alunos — Nuno Filipe Carvalho do Vale e Rute Amorim Pereira.

• **Prémio Escultor Esteves:** «Carácter». Alunos — Pedro Miguel Simões e Maria José Teixeira da Costa.

• **Prémio Santa Casa da Misericórdia** — A melhor dissertação sobre: «A Santa Casa, seus beneméritos e sua acção social». Alunos — Américo Costa Pereira e Ana Cristina Cubelo Morais.

SAUDAÇÃO

Cinco anos passados sobre o aparecimento de «O Novo Fagueiro», poderá parecer um curto espaço de tempo para algumas pessoas menos esclarecidas; no entanto esta meta alcançada representa um esforço considerável de todos aqueles que dão vida a este jornal e particularmente do seu director.

A criança que há cinco anos pronunciou as primeiras palavras é hoje um adolescente que quer expôr as suas ideias e participar no desenvolvimento desta terra.

Ele tem uma espinhosa missão a cumprir que é denunciar situações e ao mesmo tempo e, tanto quanto possível, apontar soluções para as mesmas.

Certamente que «O Novo Fagueiro» não pretende ter o exclusivo da verdade, mas terá certamente a consciência do dever cumprido.

«O Novo Fagueiro» é já hoje um forte elo de ligação entre todos os fagueiros espalhados pelo mundo e o seu torrão natal.

Ele vai até eles levando-lhes notícias da terra que os viu nascer. É como um facho de luz que ao longe brilha na escuridão da noite.

Eu mesmo tenho recebido algumas cartas, nomeadamente do Brasil, de fagueiros que me querem agradecer a minha modesta participação neste jornal. Eles pedem-me encarecidamente que lhes fale de Fão; dizem que ao lerem «O Novo Fagueiro» se sentem por momentos como se estivessem em Fão.

Este jornal tem esse dever para com eles.

«O Novo Fagueiro» também poderá ser o expoente de ideias construtivas sobretudo da juventude. Não se deve enconchar pois, como dizia Young, célebre escritor inglês do século XVIII, os pensamentos reconcentrados muito tempo na alma, alteram-se e corrompem-se. Como os fardos das fazendas que necessitam ser expostos ao ar e estendidos ao Sol.

Como fagueiro quero agradecer a todos aqueles que de uma maneira ou de outra tornam possível este jornal.

E particularmente ao seu Director.

JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Intervenção no aniversário do jornal)

ROTARY DE ESPOSENDE EM FESTA

Passagem de testemunho

O Rotary Club de Esposende, uma das agremiações mais activas do concelho, esteve no passado dia 16 de Junho em festa. Havia transmissão de poderes. O timoneiro João Francisco de Sousa Domingues, que até aí vinha governando o barco rotário, passou o leme ao seu sucessor dr. Horácio Lage. Não foi só mudança de timoneiro. Foi mudança de toda a «companha».

Presentes os delegados dos Clubes rotários de Viana do Castelo, Barcelos, Fafe, P. Varzim e Valença. Muitos rotários de Esposende também, quase todos, e respectivas senhoras. Ainda as autoridades administrativas, civis e religiosas.

Como é da praxe rotária, houve uma saudação especial a todos os presentes a cargo do protocolo Simplício de Sousa. Agostinho Neiva fez a secretaria, isto é, leu as cartas emitidas e recebidas.

Depois usou da palavra o Presidente cessante que traçou uma resenha do que foi feito ao longo do ano. Em seu entender, 51% do programa, há um ano anunciado, foi cumprido. De um modo especial destacou a ajuda prestada pela Secretaria — Agostinho Neiva e pela Tesouraria — João Nunes da Silva a quem fez a entrega de lembranças. Presentada também foi a esposa do Presidente entrante pela sua antecessora. Findo o seu exórdio, Garcia Domingues colocou o distintivo de «Presidente» na lapela de Horácio Lage e cedeu-lhe o lugar.

A seguir foi a vez de a companheira Presidente (esposa de Horácio Lage) oferecer um ramo de flores à senhora de Garcia Domingues.

O novo Presidente usou da palavra num português de fino recorte literário — ou ele não fosse um brilhante caustico — para fazer o elogio do movimento rotário, saudar efusivamente o seu antecessor a quem teceu elogios, pedir a ajuda dos seus companheiros para a nova digressão e caracterizar o seu clube pelo cunho de irreverência dos seus membros, pelo amplo e acalorado debate de ideias que no clube se travam, sempre pautados pela mais pura fidelidade.

Foi anunciado entretanto que a tia Lu oferecia ao clube de Esposende um cheque de 20 contos. Quem era esta misteriosa Tia Lu? Nada mais que a esposa do falecido rotário de Braga Fernando Areias. O casal, com uma moradia no pinhal do Fanico, visitava a miúde o clube de Esposende, tendo surgido assim uma grande amizade mútua. Após a morte do marido, D. Lourdes, a quem os rotários passaram a tratar carinhosamente por Tia Lu, continuou a visitar o grémio esposendense, mas desta vez, não podendo estar presente, enviara aquele cheque

para as benfeitorias do clube. «O Fernando havia de querer».

Outras intervenções se fizeram ouvir. Brás Marques para anunciar uma incumbência por parte do representante do Governador. Carlos Matos para elogiar a militância do clube. O representante do clube de Barcelos acentuou a democraticidade que existe em Rotary. O Presidente do Clube de Viana aludiu a uma recente reunião conjunta entre os dois grupos e formulou os melhores êxitos. O representante dos Lyons locais agradeceu o convite e desejou felicida-

des. Monsenhor Baptista de Sousa resumiu a sua alocução a uma frase carregada de sentido: só a vida vivida com o ideal de servir tem valor.

Usaram ainda da palavra o dr. Juvenal Silva e a Presidente da Câmara. Dado que ambos são próximos candidatos à chefia municipal, pressentiu-se uma troca de fletos entre os dois opositoristas. Mas não. O dr. Juvenal, com a «verve» brilhante que lhe é reconhecida, explanou a essência do ideal rotário na sua aplicabilidade a Esposende. Laurentina Torres calmamente elogiou a acção rotária e mostrou-se disponível para coadjuvar os seguidores de Paul Harris em tudo o que fosse útil à comunidade concelha.

Os rotários são gente de paz e a Presidente também o é.

PROCLAMAÇÃO DE D. MIGUEL, REI DE PORTUGAL, EM FÃO

De vez em quando resolvemos fazer umas viagens através de alguns papéis que possuímos. Na última que realizamos, demos com uns que se referem à proclamação de D. Miguel, o Rei de Portugal, em Fão, no dia 2 de Fevereiro de 1827.

Depois da «Abrilada» em 1824, que levou D. Miguel para o estrangeiro, que impedia a paciência entre os seus partidários, que aproveitam o facto de terem sabido de que o Marechal Silveira entrara em Portugal, por Chaves, e marchado sobre a cidade de Braga, onde entra em 31 de janeiro de 1827, para logo em 1 de fevereiro imediato, em Esposende, procederem à aclamação de D. Miguel como Rei Absoluto de Portugal, com enormes festejos que se prolongam no dia seguinte, tendo neste dia procedido na Igreja matriz «ao sagrado hino Te Deum».

Mas naquele mesmo dia 2 de Fevereiro, de Esposende, seguem para Fão a fazer a respectiva aclamação de D. Miguel «reunindo a Nobreza e Clero e mais habitantes deste lugar, e uniformemente proclamaram, ao dia Real Senhor como primeiro, Rei de Portugal». Tal verificou-se no meio de contentamento geral de todos, que «passando à Capela do senhor Bom Jesus aonde todos deram Graças ao Altíssimo», pelo evento porque suspiravam há tanto tempo.

Do facto, foi lavrado o respectivo «Auto» e assinado por entidades Cívicas e Eclesiásticas residentes em Fão.

Mas o certo é que os que assinaram tal «Auto» no mesmo dia lavram um «Protocolo» considerando a aclamação absoluta, ilegal e sem forma provinda de esposende. e que àquela aclamação acompanhada de imenso povo acederam o Juiz e Eleitos a cuja porta foram procurá-lo e os fizeram sair violentamente, porque o ânimo dos representantes segundo o juramento prestado só deve obediência ao Senhor D. Pedro IV, e declaram que foram forçados a tais assinaturas para evitarem desordens que poderiam acontecer.

Verifica-se uma súbita mutação política, que aliás não foi só em Fão, ou em Esposende como se verificou no dia 3 de Fevereiro após os festejos de aclamação em 1 e 2 em que a maioria dos que assinaram os «Autos» de aclamação e proclamação vem declarar nulo, frito como se nunca tivesse existido o auto de aclamação do Senhor D. Miguel como Rei absoluto feito no dia de ontem,

1.º do corrente», refugiando-se também na invasão de casa, coação para acompanhamento dos «facciosos» e para «salvar o povo por cuja tranquilidade ele, Ministro, sempre tem velado dos horrores da anarquia». Em Viana do Castelo, por exemplo, deu-se, precisamente o mesmo.

É de supor que a reviravolta verificada esteja ligada a conhecimento de que o Marechal Silveira (Marquês de Chaves) foi obrigado a retirar para Ponte da Barca por atacado por tropas do Marquês de Angeja e perseguido pelo Conde de Vila Flor que no dia 4 de Fevereiro dá começo ao ataque que o leva a debandar os seus homens, refugiando-se no Galiza por vários pontos da fronteira.

Por curiosidade transcrevem-se os citados «Auto» e «Protesto» do evento.

(Continua no próximo número)



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE

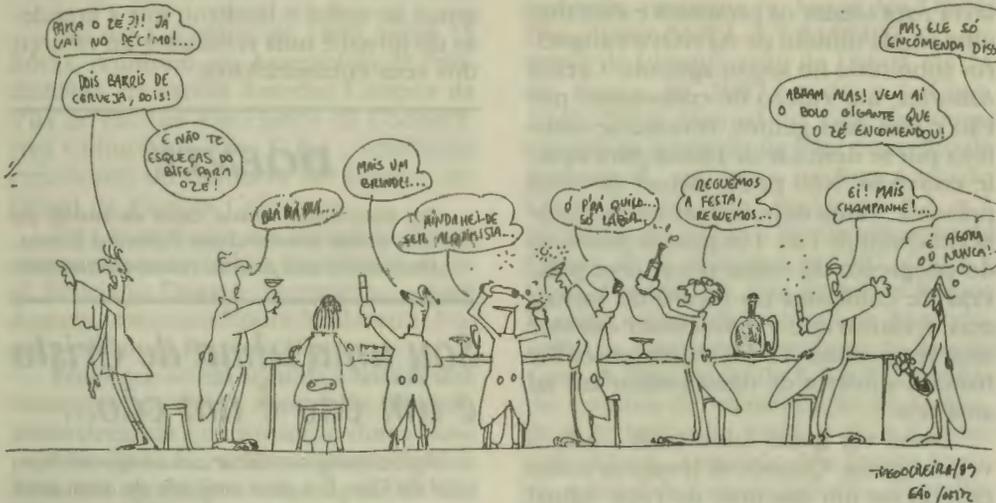
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857

(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bar. Restaurantes com especialidades minhotas. Terrazas. Jardins. Relvados. Piscinas. Tênis.

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! No jantar de confraternização que assinalou o 5.º aniversário de «O Novo Fangueiro», a vossa página esteve representada pelo Tiago Oliveira, que soube estar à altura das circunstâncias. É dele o desenho que hoje publicamos, uma visão bem-humorada do BANQUETE...



A VIDA DE UM PEQUENO RIACHO

Por FLORBELA GONÇALVES

Na América do Norte um riacho corria, corria, com as suas águas límpidas, pelo leito. Era um riacho jovem, que se situava no meio de uma floresta que mais parecia um paraíso.

Tinha tantos animais como nunca se tinha visto, uma coisa maravilhosa.

Todas as manhãs os veados, os ursos, as aves e outras espécies de animais acordavam o riacho, que dormia no seu leito. Bebiam a sua água fresca, saborosa e pura. Ao meio da tarde todos os animais se juntavam e procuravam os seus alimentos. O riacho, por sua vez, corria solenemente, sem nenhuma preocupação, feliz.

Nas suas águas abundava o peixe, que saltitava ora para aqui, ora para ali, não vendo hora de parar a sua brincadeira. À noite, tudo permanecia calmo, e por sua vez o riacho contemplava as estrelas que se reflectiam nas suas águas serenas e brilhantes.

Os animais depois de um dia fatigante, procuravam arranjar os seus sítios, para dormirem. Ficava noite cerrada, estava tudo a repousar, só se ouviam os pios das corujas e o voar quase silencioso dos morcegos que procuravam comida.

Amanhece enfim naquela floresta em que tudo acorda com os primeiros raios de sol.

(Continua)

ENTRE O CÉU E A TERRA

*Entre o céu e a terra
Há um caminho a percorrer,
Uma estrada sem fim,
Uma vida para viver.*

*Entre o céu e a terra
Há a Felicidade e o Amor,
A Tristeza e o Degredo,
O Pressentimento e a Dor.*

*Há um rio, há um mar,
Há um caminho, um destino,
Uma vida a despontar
Num sorriso pequenino.*

*Há uma mão, uma ajuda,
Alguém em quem confiar.
Um coração consciente
De ser leal e amar.*

*Entre o céu e a terra
Tu e eu vamos viver
Com muito amor para dar,
Carinho p'ra receber.*

MARIA DE FÁTIMA ANTUNES

INCERTEZAS

*Olhar em volta
E nada ver.
O obscuro,
Natureza inata.*

*Pergunto-me,
Medito-me,
Não sei responder.
Será verdade?
Não posso crer.*

*Creio,
Descreio,
Continuo a crer.
O mundo é assim,
E continuará a ser!*

PAULA SANTOS

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

Impetus

PAUSA PARA SORRIR

Um mendigo dirige-se a um senhor que está a abrir a porta de casa:

— O senhor, por esmolinha, não tem umas calças velhas que me dê?

O sujeito olha para o pobre e responde: — Realmente, você está mesmo precisado. Espere aí, que eu vou lá dentro perguntar à minha mulher.

Volve o mendigo, muito depressa: — Obrigado, senhor, mas eu preferia calças de homem!

★

Um sujeito encontra um amigo e aproveita para o «cravar»: — Que bom encontrar-te! Imagina que me esqueci da carteira em casa! Tens aí 5 contos que me emprestes?

Responde, pronto o outro: — Não, mas empresto-te uma senha para ires a casa, de autocarro buscar a carteira...

★

Um indivíduo discute com outro e, a certa altura, dá-lhe um formidável soco no rosto que o atira por terra, e vai-se embora.

Um amigo do agredido aproxima-se dele, que acabava de se levantar do chão, e pergunta-lhe: — Que forte soco! Perdeste algum dente?

Responde o outro, ainda abalado: — Não, não perdi. Guardei-o no bolso!

★

Um indivíduo acaba de fazer uma compra, num estabelecimento. O empregado não tem troco e devolve-lhe a nota de 500\$00, dizendo: — Não tenho troco, mas não faz mal! O senhor paga amanhã.

— E se eu morrer? — pergunta, brincalhão, o cliente.

Diz o empregado, muito amavelmente: — Não tem importância, senhor! Não é grande o prejuízo!...

UM VERDADEIRO SER HUMANO

*Tens seis anos
E a vida à tua frente.
Caminha, caminha sempre,
Até chegares à escola.
Aprende até ao fim,
Ganha uma estrelinha da sorte.
Estuda com prazer, amiguinho,
E verás que vais gostar.*

*O carreirinho por onde vais
Está cheio de neve no Inverno
E cheio de flores no Verão
Tu sempre lhe tens amor
Pois ele é a estrada
Da inteligência e da sabedoria.
A estrada que fará de ti,
Criança linda e sorridente,
Um adulto responsável.
Sê sempre bonzinho,
Amável, cumpridor,
Um verdadeiro ser humano!*

MARTA (11 anos)
(86/09/03)

CONVÍVIO DOS 5 ANOS

Após alguns recuos e avanços, foi possível aos colaboradores de «O Novo Fanguero» sentarem-se à mesa no dia 10 de Junho para a tradicional confraternização aniversariante. Ao fim e ao cabo, o que interessa é o convívio entre a família de «O Novo Fanguero» e esse convívio foi conseguido em pleno.

Apesar dos tais recuos, não foi possível a presença do arquitecto Pádua, um grande e inesquecível amigo deste jornal. Tão pouco esteve presente, pelos mesmos motivos, o dr. Madureira. Lá se foi a tradicional charge ao General Eanes.

Como caras novas estiveram presentes o Quim de Fão por causa de quem se fez a transferência de sexta para domingo; Américo Saraiva, uma espécie de delegado do Director de Fão para os casos burocráticos que inopinadamente surgem e ainda o Eng. Ramos de Assunção o fazedor da Folha Agrícola.

O jantar, desta vez no Hotel do Pínhai, esteve à altura dos grandes acontecimentos e o encontro de os colaboradores de «O Novo Fanguero» costuma ser para todos uma inolvidável recordação. Houve como sempre a participação oral de vários oradores. Fernando Almeida mais uma vez foi portador de valiosas e significantes lembranças. Sócio da Cooperativa, muito devotado ao nosso jornal, referiu-se em termos encomi-

cos a «O Novo Fanguero». Mais uma vez trouxe para todos um grande abraço desse mavioso poeta que dá pelo nome de Dinis Vilarelho. Sua esposa, a nossa colaboradora Florinda, leu alguns poemas da sua lavra. Ternura, lirismo e encantamento matizam os seus versos. Que pena continue a singrar ao lado de uma grande carreira nas letras. O Eng. Ramos da Assunção, que todos desconhecíamos (em presença física), também usou da palavra para saudar os presentes e vaticinar uma ampla difusão de «O Novo Fanguero» sobretudo no sector agrícola. Cecília Amorim, um vulcão de entusiasmo por Fão e leas suas gentes, revelou-se satisfeita por se deslocar de Lisboa para aquele convívio. Não podia deixar de estar presente. Falou depois o até então encoberto Quim de Fão. Um grande paladino do progresso da nossa terra, teve palavras de confiança no futuro do jornal, mas declarou que vai descansar durante uma temporada. Todos os presentes lhe fizeram a justiça de nãoacreditar em tal ausência.

Deixa ver quem falou mais... Ah!, o velho Agonia. Quando se levantou todos esperavam um discurso de raça. Afinal referiu-e aos nabosdo sr. Engenheiro e mais não disse. Ficou tudo de boca aberta. Uma referência especial ao Tiaguinho (Tiago Cruz para os leitores). Ele foi a

coqueluche da reunião. Em pouco tempo e à vista desarmada, fez várias bandas desenhadas com temas de ocasião. Nem o Zé Barbeiro escapou. Claro que a baba do avô (Armindo Duarte) cresceu.

Falou ainda Aníbal Soares que começa a aparecer nestas alturas. Também saudou os presentes, falou no turismo e numa página de turismo para o jornal (venha ela) e no fim terminou comunicando que a Gerência tinha muito gosto em oferecer o jantar. As palmas nunca mais acabavam e os movimentos sistólicos da Administradora serenaram.

Por fim o Director agradeceu a presença de todos e lembrou que a grandeza do jornal é uma resultante do esforço dos seus colaboradores.

DOENTE

Foi internada numa casa de saúde do Porto a nossa conterrânea Palmira Borda. Desejamos um pronto restabelecimento.

Sou uma alma de Cristo e um cão é um cão...

Fui há tempos visitar um amigo ao Hospital de Fão. Era uma amizade de cinquenta e sete anos, sem que entre nós houvesse o mais pequeno melindre. Acompanhou-me uma simpática funcionária que amavelmente me indicou a cama da pessoa que eu ia procurar.

Enquanto percorríamos o enorme corredor, a menina ia-me segredando:

— O seu pobre amigo tem as horas contadas.

Quando me aproximei, encontrei a esposa do doente sentada à cabeceira da cama. Ao reparar em mim, logo se baixou ao ouvido do marido dizendo:

— Está aqui o teu amigo... o senhor Agonia...

Ajudado por ela, levantou a cabeça e balbuciou:

— Ah! É o António!...

Retirando docemente o braço da esposa deixou-se cair na mesma sonolência.

Onde estarão os Dramaturgos, Poetas, Cientistas, Religiosos, Ateus, capazes de definir o alcance daqueles segundos em que pronunciou o meu nome?...

Eu não me atrevo a passar para o papel o que os seus olhos me queriam dizer... era um mundo de recordações, não obstante seu olhar embaciado, moribundo, traduzido em saudade e no adeus até à Eternidade...

Durante alguns minutos, silêncio sepulcral pairou naquele recinto. Eu quase não conseguia respirar e tinha a sensação de que ia perder os sentidos. De repente, abriu-se uma porta que deu entrada a duas mulheres (de ancas roliças, cores vermelhas e bochechudas) um velhinho e uma freira.

— «Vê pai? É aqui que vai ficar» — disseram as mulheres dirigindo-se ao velhote.

Logo a freira intervinha na conversa (como se tratasse de uma orquestra muito bem afinada):

— «Vê este armário? É para o senhor guardar a sua roupinha; agora pode descansar nessa cadeirinha até que eu o venha buscar para comer» — e retirou-se pela mesma porta.

(Continua na pág. 8)

O C. F. DE FÃO DESCEU

É verdade. Descemos de divisão, da 1.ª para a 2.ª. Na nossa perspectiva a descida de Fão não resultou nem do trabalho do treinador, nem de qualquer inépcia directiva. O mal esteve na dificuldade em arranjar directores, pois quando finalmente a Direcção tomou posse já os atletas fangueros militavam noutras paragens.

Não se pense que os jogadores de Fão são diferentes. O tempo de jogar a pírolitos já lá vai. Por mal dos nossos pecados temos que admitir que em Fão

abundam jogadores para se formar uma boa equipa de 1.ª divisão (da A. F. de Braga). Vem um clube e oferece X; vem outro e promete Y, mais outro dá bons prémios e os jogadores lá se vão. Sem os melhores valores a equipa fatalmente tem de descer.

Mas não há crise. Crise existe quando há falta de direcção. Ao que consta perspectivam-se duas listas a apresentar à Assembleia que se realizará no primeiro sábado da 2.ª quinzena de Julho.

NOVA GERÊNCIA



Calatrava

albergaria ★★★★★ R

Gasthaus ★★★★★
 Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Fíza Júnior, 167 - Telef. 22011-27434 - Telex 33331 Lotrav - 4900 VIANA DO CASTELO

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

Convidamos os nossos Associados a participar, na sede provisória, a uma reunião, em 15/7/89 (sábado), pelas 17h. e 30m.

1.º — Aprovar o plano de actividades para o ano em curso.

2.º — Tratar outras questões de interesse para a Cooperativa.



ASSEMBLEIA DE FUNDADORES

No dia 1 de Abril de 1989, pelas 15 horas, reuniram em Assembleia de Fundadores, na Escola Amorim Campos da Vila de Fão, os Associados da Cooperativa Cultural de Fão, C.R.L., conforme certificado do Gabinete do Registo Nacional de Pessoas Colectivas.

Para a condução dos trabalhos, foram eleitos três associados: Presidente — José Feliciano Duarte; Secretário — José Augusto Amorosa Nobre Madureira; Vogal — Manuel Ferreira Vieira.

Procedeu-se em seguida à leitura dos estatutos, que foram aprovados, ficando assim decidida a constituição duma Cooperativa de Cultura. Esta reger-se-á pelos Estatutos agora aprovados e pela Lei Geral, constituindo objecto da Cooperativa — desenvolver e promover a cultura e o desporto na Vila de Fão, preservar e recuperar o seu Património natural, documental e artístico bem como as tradições regionais de trabalho e costumes, promover exposições, conferências, espectáculos musicais e passeios culturais e educativos, fomentar o ensino de artes com tradição na terra.

A Cooperativa constituiu-se com o capital inicial de Esc. 250.000\$00 (Duzentos e Cinquenta Mil Escudos), representado por títulos de capital de 500\$00 (Quinhentos Escudos) cada, encontrando-se reslizada a totalidade desse valor.

Foram eleitos os corpos sociais para o primeiro mandato, que ficaram assim constituídos: Direcção — José Augusto Amoroso Nobre Madureira, Adelino Carvalho do Vale, José Feliciano Duarte, Rafael Maciel de Oliveira, Manuel Martins, respectivamente, presidente, secretário, tesoureiro, vogal e vogal; Mesa da Assembleia Geral — Jorge Manuel Faria da Silva Ribeiro, José Emílio de Moura Sampaio e Castro e Diamantino Bacelar Pires, respectivamente, presidente, secretário e vogal; Conselho Fiscal — Armando dos Santos Saraiva, Rosa Cardoso Salgado Torres da Fonseca e Manuel Ferreira Vieira, respectivamente, presidente, secretário e vogal.

É tendo terminado a Assembleia de Fundadores, se identificam a seguir os Associados que assinam esta acta e que votaram favoravelmente a criação da Cooperativa e os respectivos estatutos — José Feliciano Duarte, natural da freguesia de Nossa Senhora da Vila, concelho de Montemor-o-Novo, residente na Rua

Honório de Lima n.º 277, Porto, titular do B.I. n.º 2220152, do Arquivo de Identificação de Lisboa, de 22 de Junho de 1979, e do n.º Cont. 123464544; José Augusto Amoroso Madureira, natural da freguesia da S. Ildefonso, concelho do Porto, residente na Rua Capitão Larcher, Fão, titular do B.I. n.º 317845, do Arquivo de Identificação de Lisboa, de 29 de Dezembro de 1988 e do n.º Cont. 108712451; Manuel Ferreira Vieira, natural da freguesia de Fão, concelho de Esposende, residente no Lugar dos Lírios, Fão, titular de B.I. n.º 3366409, do Arquivo de Identificação de Lisboa, de 24 de Março de 1987, e do n.º Cont. 124937873; Manuel do Vale de Sousa, natural da freguesia de Fão, concelho de Esposende, residente na Rua Azevedo Coutinho, 51, Fão, titular do B.I. n.º 3578942, do Arquivo de Identificação de Lisboa, de 31 de Março de 1987, e do n.º Cont. 160489750; Zita Madalena Ramos Pereira, natural da freguesia de Fão, concelho de Esposende, residente na Rua de Cima, 5, Fão, titular do B.I. n.º 2666301, do Arquivo de Identificação de Lisboa, de 3 de Março de 1989, e do n.º Cont. 12222431; Armando dos Santos Saraiva, natural da freguesia de Fão, concelho de Esposende, residente na Rua de Cima, 5, Fão, titular do B.I. n.º 1946031, do Arquivo de Identificação de Lisboa, de 4 de Julho de 1980, e do n.º Cont. 143241702; Manuel Martins, natural de Barcelos, concelho de Barcelos, residente na Rua de S. José, 8, Fão, titular do B.I. n.º 1893954, do Arquivo de Identificação de Lisboa, de 8 de Maio de 1981, e do n.º Cont. 151020159; Maria Filomena Mendes Martins de Oliveira, natural da freguesia de Molares, concelho de Celorico de Basto, residente na Av. da República, 1138-7.º Esq., Vila Nova de Gaia, titular do B.I. n.º 3940847, do Arquivo de Identificação de Lisboa, de 14 de Outubro de 1987, e do n.º Cont. 138424292; Rafael Maciel de Oliveira, natural da freguesia de Fão, concelho de Esposende, residente na Av. da República, 1138-7.º Esq., Vila Nova de Gaia, titular do B.I. n.º 3578943, do Arquivo de Identificação de Lisboa, de 26 de Junho de 1984, e do n.º Cont. 12222423; Cecília Rodrigues Paixão de Amorim, natural de Moçambique, residente na Praça Silvestre Pinheiro Ferreira, 5, R/c-D.to, Lisboa, titular do B.I. n.º 30653, do Arquivo de Identificação de Lisboa, de 1 de Abril de 1987, e do n.º Cont. 203479856; Fernando António Faria de Vilar, natural da freguesia de Fão, concelho de Esposende, residente na Rua Augusto José Teixeira, Fão, titular do B.I. n.º 850883, do Arquivo de Identificação de Lisboa, de 24 de Fevereiro de 1987, e do n.º Cont. 16035580.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

No dia vinte de Junho de mil novecentos e oitenta e nove, na Secretaria

Notarial de Barcelos, perante mim, ajudante da referida Secretaria, compareceram como outorgantes: JOSÉ FELECIANO DUARTE, viúvo, natural da freguesia de Nossa Senhora da Vila, do concelho de Montemor-o-Novo, residente na Rua Honório de Lima 277, da cidade do Porto; JOSÉ ANOROSO NOBRE MADUREIRA, casado, natural da freguesia de Santo Ildefonso, da cidade do Porto, residente na Rua Capitão Larcher, da freguesia de Fão, do concelho de Esposende; MANUEL FERREIRA VIEIRA, casado, natural da indicada freguesia de Fão, onde reside no lugar dos Lírios; MANUEL DO VALE DE SOUSA, casado, natural da citada freguesia de Fão, onde reside na Rua Azevedo Coutinho; ZITA MADALENA RAMOS PEREIRA, casada, natural da mencionada freguesia de Fão, onde reside na Rua de Cima, 5; ARMANDO DOS SANTOS SARAIVA, casado, natural da referida freguesia de Fão, onde reside na Rua de Cima, 5; MANUEL MARTINS, casado, natural da freguesia e concelho de Barcelos, residente na Rua de São José, 8, da indicada freguesia de Fão; MARIA FILOMENA MENDES MARTINS DE OLIVEIRA, casada, natural da freguesia de Molares, do concelho de Celorico de Basto, residente na Avenida da República, 1138, 7.º esquerdo, da cidade de Vila Nova de Gaia; RAFAEL DE OLIVEIRA, natural da mencionada freguesia de Fão, residente na Avenida da República, 1138, 7.º esquerdo, da cidade de Vila Nova de Gaia, casado; CECÍLIA RODRIGUES PAIXÃO DE AMORIM, natural de Moçambique, residente ãe Praça Silvestre Pinheiro Ferreira, 5, R/c direito, da cidade de Lisboa, viúva; FERNANDO ANTÓNIO FARIA DE VILAR, casado, natural da citada freguesia de Fão, e nela residente na Rua Augusto José Teixeira.

Verifiquei a identidade dos outorgantes por declaração dos abonadores adiantes indicados.

E DECLARARAM: Que, para fins de autenticação me apresentara o presente documento, que disseram haver lido e assinado e que o mesmo exprime as suas vontades.

Li aos signatários o conteúdo do presente termo em voz alta, na presença simultânea de todos os intervenientes. FORAM ABONADORES: Armando Correia da Silva e José Miranda Torres, ambos casados e residentes nesta cidade, tendo-se advertido do agravamento do emulamento de acordo com a sua requisição.

ESTATUTOS DA COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO, C.R.L.

Art.º 1.º — A Cooperativa adopta a denominação de Cooperativa Cultural de Fão C.R.L., e é de duração indeterminada que se regerá por estes estatutos e demais legislação em vigor.

Art.º 2.º — A sua sede situa-se (com carácter provisório) na Escola Amorim Campos, na Vila de Fão, podendo a di-

(Continuado da pág. 7)

recção transferi-la para qualquer local na mesma Vila.

Art.º 3.º a) — A Cooperativa tem por objectivo desenvolver e promover a cultura e o desporto da Vila de Fão.

b) — Preservar e recuperar o seu património arquitectónico.

c) — Defender o seu património natural, documental e artístico, bem como as tradições regionais de trabalho e costumes.

d) — Promover exposições, conferências, espectáculos musicais e passeios culturais e educativos.

e) — Fomentar o ensino de artes com tradição na terra.

Art.º 4.º — Na prossecução dos seus objectivos, a Cooperativa poderá dedicar-se a outros ramos de actividades desde que essas actividades se destinem à satisfação das necessidades culturais dos seus membros.

Art.º 5.º — Podem ser membros da Cooperativa as pessoas singulares maiores de 18 anos.

Art.º 6.º — A admissão como membro da Cooperativa efectua-se mediante apresentação à direcção de uma proposta subscrita pelo proposto e por dois associados no pleno uso dos seus direitos.

Art.º 7.º 1) — Qualquer associado pode demitir-se da Cooperativa por meio de carta dirigida à direcção, com a antecedência mínima de 10 dias, relativamente à data em que pretende que essa demissão se efectue.

2) — O associado que se demita terá direito ao reembolso do valor dos títulos de capital pelo seu valor nominal.

3) — O reembolso a que se refere o número anterior poderá ser feito em prestações, mas deverá estar reslizado totalmente no prazo de 180 dias, contados a partir da data em que a demissão se efectivou.

Art.º 8.º 1) — Os associados têm direito, nomeadamente a:

a) — Tomar parte discutindo e votando nas Assembleias Gerais.

b) — Eleger e ser eleitos para órgãos da Cooperativa.

c) — Requerer aos órgãos competentes da Cooperativa as informações que desejarem.

d) — Requerer a convocação da Assembleia Geral.

e) — Solicitar a sua demissão.

Art.º 9.º 1) — Efectuar os pagamentos previstos nos estatutos.

2) — Tomar parte nas Assembleias Gerais.

3) — aceitar e exercer os cargos sociais para os quais tenham sido eleitos, salvo motivo justificado de escusa.

4) — Participar, em geral, nas actividades da Cooperativa e prestar o trabalho ou serviço que lhes competir.

Art.º 10.º — São da Cooperativa, a Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal que serão eleitos por dois anos.

Art.º 11.º — Os titulares dos órgãos

sociais podem ser reeleitos consecutivamente para o mesmo órgão.

Art.º 12.º 1) — A Assembleia Geral é composta por todos os associados no pleno gozo dos seus direitos sociais, podendo eles fazerem-se representar nos termos legais.

2) — As reuniões da Assembleia Geral serão dirigidas por uma mesa, cujos membros são eleitos entre os associados da Cooperativa, para mandatos de dois anos que se designarão entre si, o Presidente, o Secretário e o Vogal

3) — As reuniões ordinárias da Assembleia Geral serão convocadas por meio de anúncio no jornal da Vila de Fão e ou, por carta registada com trinta dias de antecedência aos associados.

4) — As reuniões extraordinárias serão convocadas a requerimento da Direcção, do Conselho Fiscal ou de pelo menos vinte associados com um prazo de dez dias de antecedência e por carta registada a todos os associados.

Art.º 13.º — Para além do previsto na demais legislação aplicável compete à Assembleia Geral:

a) — Excluir os Associados.

b) — Aprovar os regulamentos internos e os de actividades.

Art.º 14.º 1) — A Direcção é composta por um Presidente, um Secretário, um Tesoureiro e dois Vogais.

2) — Para além do que dispõe a lei nesta matéria, compete à Direcção a gestão da Cooperativa, organizando e dirigindo a sua actividade, distribuindo funções pelos associados na medida das respectivas capacidades, contratando pessoal assalariado, preparando os regulamentos e planos a serem aprovados pela Assembleia Geral e promovendo a sua execução.

3) — A Direcção pode delegar parte da sua competência em pessoas que tiver por qualificadas mas somente os Directores poderão obrigar a Cooperativa para o que serão necessárias as assinaturas de, pelo menos dois deles.

Art.º 15.º — O Conselho Fiscal é composto por três membros, eleitos nos termos do artigo 10.º.

Art.º 16.º — O capital social é de Esc. 250.000\$00 (Duzentos e Cinquenta Mil Escudos), já inteiramente realizado pelos associados.

Art.º Único — Não é permitido a qualquer associado subscrever e realizar capital superior a 10% do capital nem inferior a três títulos de valor nominal de 500\$00 cada.

Art.º 17.º — Os associados que sejam admitidos posteriormente à constituição da Cooperativa ficarão sujeitos ao pagamento de uma Jóia cujo valor será fixado anualmente por Assembleia Geral.

Art.º 18.º — A Cooperativa obriga-se pela assinatura conjunta de dois Directores, nomeadamente o Presidente da Direcção e o Tesoureiro.

Fão, 1 de Abril de 1989.

Sou uma alma de Cristo e um cão é um cão...

(Continuado da pág. 6)

As filhas ainda ficaram tentando convencer o pai: vinham visitá-lo muitas vezes, traziam os netinhos e também daqueles docinhos de que ele tanto gostava...

Foram desaparecendo como fantasmas, da mesma maneira como tinham entrado. O pai não deu uma palavra e tudo indicava que dentro da sua cabeça só existiam zumbidos que o não deixavam ouvir. Também as lágrimas que lhe jorravam com certeza que o não deixavam ver. Depois de passar as costas das mãos pelos olhos várias vezes, murmurou entre soluços:

— «Filhas desalmadas!... Enquanto não apanharam o preto no branco, eu estava na minha casa, rodeado de carinhos por elas e pelos netos. Logo que cal no malogro, principiaram a dizer que os netos tinham de ir para a escola e elas fazerem as plantações, no campo da Faja, tinham que levar a comida e eu ficaria só... Vão ser castigadas como eu estou a ser pelo que fiz ao meu cão, ao meu «piloto»... Durante oito anos foi a sentinela nocturna da casa, tendo apenas o espaço que o comprimento de um arame lhe dava à entrada da residência. Elas todos os dias me diziam que o cão estava velho, que um dia o teria de o enterrar e que era melhor pedir ao João Neiva para o soltar em Fão quando fosse buscar areia...

Tantas vezes me disseram que eu, covardemente, acabei por consentir. Agora sei que o meu querido «Piloto» terá sofrido ao ser abandonado em Fão. Este remorso vai-me atormentar até à hora da morte... «Sou uma alma de Cristo e um cão é um cão»...

Só agora sei avaliar o que os cães sentem e sofrem com alma ou sem alma...

O «Piloto» ao ser despejado em Fão pelo homem da camioneta, logo recebeu o baptismo com as pedradas da garotada sempre pronta a praticar o mal. De rabo entre as pernas e sem poder correr, teve a sorte de encontrar alguns cães vadios a quem se encostou. Era a matilha que o nosso Zé acarinhava, sempre encontrava em casa, um naco de broa ou umas malgas de caldo. Quando não tinha que lhes dar, agarrava em três ou quatro sardinhas fritas que tinha para vender e repartia pelos desprotegidos da sorte...

Preferência especial merece algum conhecido pela Senhora dos Cãezinhos que faz esticar os seus magros recursos para alimentar todos os cães vadios que lhe dá de comer como também as pessoas que acabo de mencionar são dignas do respeito e admiração da sociedade. Outros há que só merecem o desprezo pelo nojoque as suas acções nos causam.

Alguns energúmenos da mesma vila (Fão) foram a um quintal e enforcaram um cão. Passado algum tempo e no mesmo local mataram outro à paulada e ainda um terceiro envenenado.

De mistura com a maldade sem limites qual será o fim?...

Esperemos que a Sociedade Protectora dos Animais apareça o mais breve possível para premiar os bons e castigar severamente os desumanos.

Delães 2/3/1989

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

DE APÚLIA

NOVA ÉPOCA BALNEAR — No dia em que alinhávamos estas pequenas notas sobre Apúlia, já arrancou em força a época balnear. Esse facto suscita algumas interrogações às pessoas mais avisadas, pois, ao que parece, as coisas menos boas da época anterior, vão continuar.

Estão neste caso o local da feira semanal em plena via pública, quando se pensava (e dizia) que ela seria deslocada para outro local. Mas para muita gente até a sua continuidade não devia ser permitida sobretudo para os grandes sacrificados, os comerciantes locais, que estiolam durante dez meses em cada ano, e que esperam este tempo para ajudar ao equilíbrio financeiro dos seus negócios.

Também a limpeza das praias podia e devia ser melhorada. Assim como os seus acessos directos, que deixam muito a desejar e que terá como causa principal a feira.

A corrente de luz pública, também já merecia um substancial aumento de potência, mesmo que fosse só para os meses de Verão. Assim, como está, vai continuar a causar a muitos utentes prejuízos óbvios. Mas muito mais haveria a mencionar, como o policiamento da zona da praia, principalmente de noite, que todos sabemos, é bastante deficiente, a água pública, que na maior parte dos dias mais quentes não chega ao primeiro piso das habitações, o turismo selvagem que se permite em todo o pinhal, da Bonança até a Apúlia, com centenas de carros e pessoas a poluírem o ambiente e a destruírem o pinhal.

Comprendemos que não será fácil a correcção de todas estas anomalias, mas isso não nos impede de continuar a pensar que muito disto terá de ser feito urgentemente, se quisermos acompanhar o comboio do turismo, que não se compadece com indecisões ou inflexões.

A NOSSA PRAIA — Há já muitos anos que a nossa praia não tinha tão grande e amplo areal. Do paredão até a linha de água, mesmo na maré alta, ela está com mais de setenta metros de fino areal.

Não há dúvida que o esporão a sul, e a cobertura do ribeiro do Preto a norte, resultam em absoluto.

Ali, ao norte, quase sem nos apercebermos disso, foi realizado um grande melhoramento para a nossa praia. Os cépticos já se renderam à evidência. Aquilo (alargamento da zona fronteira ao mar, transformando-a em aplo mi-

radouro, e a cobertura e canalização do referido ribeiro até ao mar), é mesmo um melhoramento a sério. e foi feito sem trombetas nem pregoeiros, sem inaugurações nem discursos. É um bom capital creditado a favor dos que dirigem os destinos de Apúlia.

DESPORTO EM APÚLIA — Alma forte e corpo são, consegue-se praticando desporto. Praticar desporto só se consegue se existirem recintos próprios, e estes só são possíveis em meios pequenos, se existirem clubes.

Apúlia tem um clube que pratica o futebol sénior, mas também tem fomentado outras modalidades, e o futebol juvenil.

Presentemente, acaba de disputar o campeonato regional da 2.ª divisão da Associação de Braga que, felizmente, consagrou um clube do nosso concelho, o Vila-Chã, como campeão. Daqui lhe enviamos os nossos parabéns,

e o desejo de boa sorte no campeonato maior do próximo ano.

Voltando ao mesmo assunto, terá Apúlia ajudado à vida do clube? No aspecto financeiro, sim; mas noutros aspectos talvez tenha ficado um pouco à quem das suas tradições. Haja em vista as dificuldades dos últimos anos para se conseguir quem o sirva.

Se a terra fosse pequena e de poucos homens, ainda se compreenderia. Assim, custa a aceitar que tenham de ser quase sempre os mesmos a sacrificar-se nos cargos directivos.

Ainda agora (2 deste mês de Julho) em Assembleia Geral publicitada em todos os lugares públicos, inclusivamente na Igreja, através da palavra do nosso Pároco, um bom desportista e amigo do clube, não compareceram mais do que duas dúzias de apulienses, o que resultou o adiamento da eleição da nova direcção. Para a próxima? Bem essa realiza-se já no dia 9 deste mês.

Oxalá que assim seja.

CLIPOVOA

CLÍNICA MÉDICA DA PÓVOA DE VARZIM, SA
SAÚDE É CONNOSCO

O MAIOR E MAIS MODERNO HOSPITAL PRIVADO DO PAÍS

ESPECIALIDADES MEDICO-CIRURGICAS

Anatomia Patológica
Anestesia e Reanimação
Cardiologia
Cirurgia Geral
Cirurgia Pediátrica
Cirurgia Plástica
Cirurgia Torácica
Cirurgia Vascular
Clínica Geral
Dermatovenereologia
Doenças Infecciosas
Endocrinologia-Nutrição
Estomatologia
Gastroenterologia
Ginecologia-Obstetrícia
Hemoterapia e Hematologia Clínica
Imunologia
Medicina Física e Reabilitação
Medicina Interna
Nefrologia
Neurologia
Neurocirurgia
Oftalmologia
Ortopedia
Otorrinolaringologia
Patologia Clínica
Pediatria
Pneumotisiologia
Psiquiatria
Reumatologia
Urologia/Litotripsia

EXAMES COMPLEMENTARES

DE DIAGNÓSTICO
Análises Clínicas
Radiologia Convencional
Ecografia
Mamografia
Tomografia Axial Computadorizada (TAC)
Ressonância Magnética Nuclear
Endoscopia Digestiva
Electrocardiografia
Electroencefalografia
Angiodinografia

CONVENÇÕES COM:

- ADSE (inclui também partos e internamentos; o doente paga só a sua parte)
- CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS (acordo preferencial);
- SAMS (acordo global);
- EDP (acordo global)

24 HORAS
AO SEU SERVIÇO

CLIHOTEL

Proporciona aos idosos, pela primeira vez em Portugal, o sistema ideal para, através do «uso vitalício», disporem de um hotel-hospital durante 24 horas ao seu serviço.

AUDITÓRIO

Para Congressos, Simpósios e Jornadas Médicas e Científicas, com capacidade para 200 pessoas.



Longa Vida

o que é bom da natureza

CLIPOVOA — CLÍNICA MÉDICA DA PÓVOA DE VARZIM, SA

Telefones, 685111 / 685123 / 685135 — Telex 29782 CLIPÓV P — Telefax 684323
Lugar de Penouces — Apartado 130 — 4491 PÓVOA DE VARZIM CODEX

VILIPENDIADA ONTEM, FESTEJADA HOJE AUMENTE O SEU COLESTEROL

Quando na altura os jornais me lembravam que a França ia a 31 de Março (deste ano) comemorar o centenário da Torre Eiffel (foi nesse dia e nesse mês de 1889 que o célebre engenheiro francês começou com, outras personalidades, a ascensão inaugural dos 1710 degraus da torre de ferro situada perto do rio Sena, em Paris), sorri-me e mais uma vez pensei nas partidas que o tempo faz, mostrando como os homens se enganam constantemente nos juízos que fazem. E não se julgue que isso sucede apenas com gente vulgar, de poucas letras, sem responsabilidade em manterem um nome aureolado pela agudeza do espírito, pela inteligência, pela cultura ou por qualquer outro motivo que dá prestígio e fama. Não! Não! isso tem acontecido a muitos nomes sonantes.

Pois, a Torre Eiffel também teve nos seus detractores pessoas conhecidas, não só de França como de todo o mundo oculto. Entre elas podemos apontar os escritores Alexandre Dumas Filho e Guy de Maupassand, o compositor Charles Gounod e o dramaturgo Victorien Sardou. E o pior é que ficou para a história um documento que eles assinaram, o «Protesto contra a Torre do sr. Eiffel», conhecido pelo «Protesto dos Artistas», em que protestavam contra a «inútil e monstruosa torre». Isto ao mesmo tempo que os mais classificados ontelectuais franceses escarneciam da torre chamando-lhe ridícula, odiosa coluna de chapa aparafusada, negra chaminé de fábrica e por aí fora.

Atitudes destas são aos montes na História da Humanidade, embora não contadas... Sempre o que aparece de novo, de diferente, encontra a hostilidade dos conterrâneos e isto acontece em todos os campos, quer nas artes, quer nos costumes e modas, quer noutros aspectos humanos. Até na ciência! Desconhecendo ou renegando as palavras do cientista Arthur C. Clarke (que devem ser a de qualquer ser pensante que se preze) que dizia «Quando um cientista afirma que qualquer coisa é possível, tem sempre razão. Quando afirma que qualquer coisa é impossível, não tem provavelmente razão», alguns sujeitos à ciência fizeram afirmações que hoje nos es-

pantam. É o caso, por exemplo, dos responsáveis da Sorbonne, nesse tempo, claro, que obrigaram Buffon a renegar a sua opinião de que as montanhas e vales, então conhecidos, não existiam assim desde o Momento da Criação divina! E é o ainda o caso do prof. Simon Newcomb que escreveu, no princípio deste século, que não existia qualquer material que permitisse o voo, afirmação que ele defendeu com copiosa justificação matemática... mas, pouco depois, o primeiro avião apareceu nos ares!

Bem! Os casos são imensos e talvez valha a pena recordá-los em próximo artigo para estarmos avisados contra os preconceitos de todo o género e abertos e tolerantes ao que vem de novo. Para que não aconteça o mesmo que se passou com os tais que se enganaram com a Torre Eiffel...

J. AUGUSTO

FALECIMENTOS

No mês de Junho faleceu no Lar da Terceira Idade, em Fão, Judite Ribeiro Moura Sampaio e Castro. Era a última dama que ainda se encontrava viva das conhecidas Senhoras Mouras.

Pioneira dos banhistas fanguelros, a família Sampaio e Castro deixou-se enamorar pelas belezas da nossa terra. Aqui comprou casa, aliás casas, por aqui se deixou ficar em largas temporadas, até que acabou por se radicar definitivamente, a partir do momento em que o dr. Sampaio e Castro deixou de exercer advocacia. Aquando do passamento deste ilustre causídico, tivemos ocasião de dizer que a Família Sampaio e Castro exercia uma propaganda porta a porta das excelências da praia de Fão. Muitas pessoas para aqui vieram trazidas pelo seu empenhamento. Nessa altura a colónia banhear sentia-se unida pela mesma admiração que votava a este terrunho litoral. Era tudo uma família.

Grandes festas aqui se fixeram e na sua génese encontramos sempre o afã e entusiasmo das Senhoras Mouras. Tudo trabalhava para Fão porque a colónia banhear era de facto de Fão.

Tudo passa e tudo muda. «Tout passe tout casse et tout se remplace».

Saudades, D. Judite.

Então lá vai mais um saltinho no colesterol? Vamos tentá-lo com um

CORAÇÃO DE VITELA GRELHADO

Peça ao açougueiro que bata com o maço um coração de vitela. Em casa, dê-lhe um golpe longitudinal, mas só a meia espessura, para não o cortar completamente.

À parte, faça uma mistura de manteiga, salsa picada muito miudinha, pimenta, sal, um pouquinho de alho, também picado muito miudinho, e com este recheio encha as cavidades do coração (as duas aurículas e os dois ventrículos). A seguir feche o golpe com uns pontos, e grelhe o coração em lume forte, virando-o sempre que necessário até estar bem assado.

Então, unte-o com manteiga e sumo de limão e... bom apetite!

Para os mais lambareiros, vai uma

TORTA DE LARANJA

Ovos — 6.

Açúcar — meio quilo.

Laranjas — 2 (sumo e raspa).

Batem-se as gemas com o açúcar e a seguir juntam-se o sumo e a raspa das laranjas. Depois, deitam-se as claras, batidas em castelo.

Mistura-se e vai ao forno em tabuleiro bem untado com manteiga.

Quando cozido, desenforma-se do tabuleiro, deitando-se em cima de um pano bem polvilhado com açúcar e enrola-se logo a seguir, sem pôr recheio algum.

E por hoje, cumprimos a nossa «meritória» missão...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
 AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

A BRASILEIRA
 PORTO



Nós somos café

FOLHA AGRÍCOLA

per A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO TOMATEIRO

(Continuado do número anterior)

PODA NORMAL

Na poda normal deixa-se o caule principal e um ou dois rebentos que brotam nas axilas das folhas existentes nesse caule. Em seguida, à medida que os ramos-guias vão crescendo, procede-se à eliminação de todos os lançamentos que neles vão aparecendo.

DESPONTA

Quando a planta atinge a altura máxima, pretendida, procede-se à desponta dos rebentos terminais nos ramos-guias. Com esta prática e uma poda metódica e racional consegue-se limitar a quantidade de fruto que se pretende colher e, simultaneamente, diminui-se o ciclo vegetativo da planta. Portanto, obtém-se uma colheita mais precoce e, também, o aumento no tamanho dos frutos em virtude de se verificar um decréscimo na sua quantidade.

Independentemente da variedade, a desponta é sempre recomendável a partir do momento em que se conclua que os frutos existentes nos últimos cachos da planta pela sua qualidade já não podem obter preços que se considerem compensadores.

Nas estufas em que se adoptam sucessões de culturas e onde, por este motivo, ao tomate se segue praticamente sem interrupção outro cultivo, a desponta é uma prática que se reveste de interesse para se conseguir, uma programação rigorosa. Pelo contrário, a operação é dispensável quando após a cultura desta hortícola o terreno fica desocupado durante alguns meses. Neste caso, todos os cachos são deixados para a produção de fruto.

PODAS SOLTAS

Esta poda consta da eliminação de algumas folhas que se situem abaixo do primeiro cacho de frutos ainda não colhidos, comtado a partir da superfície do solo. A operação tem início pelas folhas que estão em contacto com o solo. Em seguida, quando o primeiro cacho de frutos já tenha amadurecido, procede-se ao corte de algumas ou de todas as folhas que se tenham desenvolvido abaixo dele. Este procedimento continua, à medida que vão amadurecendo os frutos dos

cachos situados mais acima, até uma altura de 40 a 50 centímetros do solo.

O corte de folhas tem lugar todas as semanas, arrancando-se 2 a 3 folhas por planta. Convém que a operação seja executada de manhã cedo para que as folhas se desprendam com facilidade o que permite evi-

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

tar rasgões ou ferimentos que possam servir como pontos de entrada de infecções por fungos e outros agentes patogénicos.

A eliminação das folhas exige alguma prática para não se cair no procedimento reprovável de alguns hortelãos que arrancam quase todas as folhas, o que provoca desequilíbrios de ordem vegetativa e prejuízos para os frutos.

ELIMINAÇÃO DAS FLORES E DOS FRUTOS DEFEITUOSOS

As flores anormais que possam dar lugar a frutos defeituosos devem ser eliminadas antes da fecundação. Os frutos com deformidades também serão arrancados logo que se evidencie o defeito.

Os frutos anormais, que aparecerem geralmente na haste principal da inflorescência ou do cacho, atrasam o desenvolvimento («engorda») dos restantes em virtude de consumirem uma grande parte da seiva.

As práticas referidas são imprescindíveis quando se aplicam hormonas, substâncias que contribuem para o incremento das anormalidades naqueles órgãos da planta.

USO DE FITO-HORMONAS PARA A FECUNDAÇÃO

A fecundação das flores do tomateiro realiza-se com dificuldade devido ao excesso de humidade que normalmente existe no ambiente da estufa durante os meses de Inverno, principalmente durante a noite. Nessa época do ano, o frio que prevalece no exterior torna impossível a ventilação.

A solução deste problema reside na adopção de vibradores — que ajudam o desprendimento do pólen para que a fecundação tenha lugar em melhores condições — ou no emprego de hormonas.

(Continua na pág. 12)



BATATA SEMENTE DE ALTA QUALIDADE! PRODUZIDA NA HOLANDA!

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARA PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS (- VERMELHAS: Asterix, Bartina,

EM PORTUGAL

(Cleopatra

(- AMARELAS: Berber, Concurrent,

(Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,

(Van Gogh



DE ZPC: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. — PORTUGAL, LDA.

Apartado, 259

Telefax (034)311912

3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

Quanto a estas substâncias, a dose mais conveniente a aplicar deve ser determinada antes do início do tratamento. Para isso faz-se um ensaio no qual se utilizam além da dose preconizada pelo fabricante do produto outras mais pequenas do que aquelas e preparadas pelo próprio horticultor. A dose a adoptar no tratamento da cultura será a mais pequena das que tenham promovido a fecundação das flores.



MULTIPLANTA

Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.

VIVEIRISTA
PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS

ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS
MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS®
E CHANDLER®
(LICENÇA ZANZI-ITALIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)

OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE
NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197

3060 CANTANHEDE

A aplicação das hormonas é feita com um pulverizador do tipo doméstico ou de pressão previamente fixada. O melhor modo de proceder é prender o pedúnculo de cada ramo das flores entre os dedos médio e indicador e orientá-lo na direcção do cone da pulverização saída do aparelho, accionado com a outra mão.

As aplicações devem ser repetidas de 6 em 6 ou de 8 em 8 dias.

A partir da realização do primeiro tratamento com hormonas não deve faltar humidade no solo porque o rápido desenvolvimento dos frutos aliados a condições de escassez de água no terreno pode originar a formação de exemplares ocos e defeituosos.

TUTORAGEM

Na cultura de tomate em estufa é imprescindível a colocação de apoios constituídos por canas, cordas, redes de fio de arame, ripas, etc. A estes tutores, que são instalados em posição mais ou menos vertical e presos à armação da estufa ou ao solo, são apoiados os ramos das plantas os quais mantidos em posição por meio de ataduras feitas com diversos materiais (ráfia, etc.).

Para esta cultura os tutores podem ser dispostos de vários modos, sendo os mais

vulgares os seguintes: suporte individual feito com canas, ripas ou cordas; paliçada de canas, rede de arame, ripas ou fiadas horizontais de arame; pirâmide formada por cordas, canas ou ripas; e, cavalete de canas, ripas, estacas, etc.

estrela
adubo
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:	
Humidade (%)	20 a 25
Matéria orgânica (%)	20 a 70
Azoto total (N) (%)	2,0 a 5
Fósforo P ₂ O ₅ (%)	3 a 5
Potássio K ₂ O (%)	1,5 a 3
Calcio - Ca (%)	20 a 30
pH	6 a 7
C % - 17 a 25	

ESTAMOS DESENVOLVENDO A MINHOCULTURA
CONSULTE-NOS
Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telef. 53386 Adubos P
Tel.: (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Variato 3500 VISEU

50kg. KILOS

TECNICANTO

- ESTUFAS E EQUIPAMENTOS
- SISTEMA DE REGA E AQUECIMENTO
- SEMENTES E AGRO-QUÍMICOS
- ALPORQUES, BOLBOS E ESTACAS
- MOTORES E ALFAIAS AGRÍCOLAS
- PLÁSTICOS E PERSINTAS
- TELAS E FIOS
- MÁQUINAS PARA FLORES E OUTROS

DIRECÇÃO TÉCNICA:

ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA LEBRE
eng.º téc.º agr.º

MORADA:

Rua do Sul
Gafanha de Aquém

TELEFONE:

(034) 32 12 91

3830 ILHAVO

ENXERTIA

Para esta operação empregam-se vários porta-enxertos quase todos derivados da espécie «*Lycopersicum hirsutum*» residentes sobretudo ao «*Fusarium*», «*Verticillium*», cancro bacteriano e nemátodos.

A sementeira do porta-enxerto (cavalo) deve ter lugar com a antecedência de quatro a oito dias em relação à da variedade a enxertar. O enxerto é realizado quando o porta-enxerto atinge a altura de, aproximadamente, 15 centímetros.

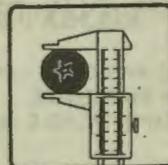
COLHEITA

O tomate só deve ser colhido quando atinge a fase de maturação fisiológica. Um fruto nestas condições mesmo que seja cortado da planta ainda com a coloração verde prossegue o seu processo de amadurecimento e adquire a coloração vermelha.

As características da manutenção fisiológica são: a) o ápice do fruto adquire a coloração amarelo de limão; e, b) toda a superfície da pele fica com um brilho típico.

No caso do tomate se destinar a mercados próximos do centro de produção a colheita terá lugar quando os frutos começarem a tomar a coloração alaranjada. No caso de se pretender enviar o produto para lugares mais distantes, com a provável demora de seis a oito dias até ao consumo, o corte será efectuado quando o ápice começar a ficar alaranjado e o resto do fruto ainda estiver com a coloração verde-limão, brilhante.

CALIBRADORES DE FRUTA



MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

(Continua no próximo número)

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

QUANDO AS PORTAS SE FRANQUEIAM

Em Março último comentamos aqui, baseando-nos numa reportagem efectuada pelo «Jornal de Notícias», a situação infra-humana em que vivia numa jaula uma jovem deficiente mental de 17 anos, a Celeste.

Pois temos uma boa notícia para dar: segundo o mesmo diário portuense, a Celeste já foi recuperada para a sua condição de Ser Humano: uma Instituição de assistência a Deficientes Mentais, franqueou-lhe as suas portas, acolheu-a no seu meio, como mãe que abre os braços e aconchega o filho que faz «dói-dói».

Aquela ideia fria e despersonalizada que geralmente se tem das Instituições fica assim seriamente abalada ante a maneira como esta se humanizou, viu o problema da Celeste e rapidamente o solucionou.

A jovem está livre da jaula. As grades quebraram-se. agora já pode brincar no recreio, sob a carícia do sol, de que tanto gosta. Já nem está só: outros jovens como ela ajudá-la-ão a sentir-se igual e não diferente; a atenção e os cuidados das pessoas que tratam dela contribuirão para que recupere a sua dignidade de Ser Humano.

Outra reflexão que nos ocorre, é a força dos meios de comunicação social. a reportagem do «Jornal de Notícias», tanto pelo texto como pelas fotografias,

produziu o impacto necessário à reacção que veio libertar a Celeste. Congratulámo-nos com a maneira correcta e útil com que essa força foi aproveitada.

E terminamos com um certo optimismo, com uma razoável dose de confiança no futuro da Humanidade. Enquanto houver meios de comunicação que se coloquem ao serviço dos que sofrem; enquanto as portas pesadas das Instituições se abrirem como braços acolhedores; enquanto houver quem faça sua a dor alheia e a própria burocracia se humanize, podemos conservar intacto o melhor e mais precioso dos tesouros: — A ESPERANÇA.

Apenas um breve pedido de desculpas por uma «gralha» que saiu no artigo do mês findo, e que, aliás, não é da nossa reesponsabilidade. Toda a gente sabe que o «sempre jovial locutor» é o FERNANDO PESSA e não PESSOA, como por lapso (cremos que de composição) se lê no referido artigo.

E. REAL

PARLAMENTO EUROPEU

Como em todo o resto do País e da Europa verificou-se também no concelho um grande abstenção: 46% de eleitores não foi às unas.

Vejamos os resultados concelhios: PPD/PSD - 4712; CDS - 3197; PS - 2166; CDU - 553.

E agora os resultados da freguesia: PPD/PSD - 361; PS - 308; CDS - 227; CDU - 92.

Como serão as autarquias?

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA

• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12
4700 BRAGA ☎ 7 57 77

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Armindo Duarte
Florinda
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
José Ferreira Neves
A. Ramos Assunção
Quim de Fão

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

O ROUXINOL

Mais uma vez saiu o Rouxinol, jornal da Escola Primária de Fão. Mais conciso desta vez mas sempre encantador.

Desta vez escolhemos para ilustrar o nosso jornal o poema

SER AMIGO É...

*Ser amigo é alguém
Que pensa nos outros.
É oferecer uma flor
e sofrer por eles.
Ser amigo é estar
sempre unido a alguém.
Mesmo nas horas de desespero
ou quando estamos aflitos por alguma coisa.
Ser amigo é uma luz
à noite
à tarde
e durante todo o dia.
Ser amigo é bom!
Ver um amigo é melhor.*

LILIANA — 3.º ano

BANDEIRA AZUL

Mais uma vez a nossa praia foi distinguida com a Bandeira Azul do Parlamento Europeu.

O mesmo aconteceu às demais praias do concelho o que é bom sinal para o turismo do norte.

ESPOSENDE

NOTÍCIAS VÁRIAS

• Faleceu, com 66 anos, nesta vila, após prolongada doença, o senhor José Rodrigues da Silva, cabo da G.N.R., na reserva; era marido de D. Maria Ferreira Barros Lima Costa, pai do nosso prezado amigo Dr. José Alberto Lima Costa e Silva e sogro da professora D. Maria de Lurdes Rodrigues da Silva.

No funeral, que teve grande acompanhamento, incorporou-se uma força da G.N.R. local que disparou uma salva de tiros na altura própria.

À família apresentamos os nossos pêsames.

• Também teve o seu passamento o nosso amigo Prof. Carlos de Oliveira Martins, depois de ter estado retido no leito por doença. O finado era casado com a professora D. Maria Emília Leite Pinheiro, pai do senhor Eng.º João Maria de Oliveira Martins — Ministro dos Transportes e Comunicações e da Dr.ª Maria do Sameiro Oliveira Martins Pita Barros e sogro de D. Maria Amélia Fraga Oliveira Martins e do senhor Vergílio Pita Barros, distinto oficial superior da marinha de Guerra.

O senhor Prof. Carlos Martins, era comandante dos Bombeiros Voluntários de Esposende e tinha sido Presidente da Câmara Municipal, delegado Escolar, Presidente da Direcção do Núcleo de Esposende da Cruz Vermelha Portuguesa, membro do Rotary Club de Esposende, além de ter ocupado diversos cargos.

No féretro incorporaram-se vários membros do Governo bem como o senhor Governador Civil de Braga, Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Esposende, representantes dos C.T.T., Directores-Gerais do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, representações de várias Câmaras Municipais, dos Bombeiros voluntários de Esposende e de Fão e de outras corporações de Bombeiros, da Cruz Vermelha, de diversas associações e, ainda, autoridades civis, militares e religiosas além de muitos amigos e população.

À família enlutada apresentamos sentidas condolências.

• Do dia 20 ao dia 27 de maio último realizou-se, nesta vila, a semana da educação cujo programa mereceu os maiores encómos.

Está de parabéns a Câmara por tal iniciativa. Todos os temas tratados são da maior importância; parece-nos, no entanto, que talvez houvesse lugar para o tratamento de questões de saúde que, a nosso ver, também deve fazer parte da área da educação.

O prazer de destruir os bens públicos parece estar na ordem do dia. É divertimento e inconsciência de quem não quer respeitar aquilo que a todos pertence.

Destruir cabines telefónicas, partindo os seus vidros à pedrada e arrancando os aparelhos, são prática de «vândalos» que não deviam andar à solta; isto é um crime, pois tal comportamento pode dar lugar a situações de ruptura na normatividade das relações entre as pessoas. Tirar a possibilidade de chamar telefonicamente os bombeiros ou um médico, quando é urgente, merece punição.

Cada um de nós deverá estar atento a tais desmandos indicando os culpados às autoridades.

O. M. A.

EXPOSIÇÃO NA ESCOLA DE FÃO

A Semana Cultural promovida pela Escola de Fão terminou com uma Exposição de trabalhos feitos pelos alunos e efectuados ao longo do ano lectivo.

Esteve, esta Exposição, aberta ao público nas tardes de sábado e domingo, respectivamente, dias 24 e 25 p.p..

Os professores, na sua programação, em Setembro decidiram escolher os seguintes temas para serem explorados — Férias, Outono, Inverno, Natal, Carnaval, Natureza. Daí todo um trabalho, quer escrito, quer manual, o mais diversificado possível e que encantou quem a Escola visitou. Os mais variados trabalhos de expressão plástica, as mais variadas técnicas, encheram expositores e fizeram a alegria das crianças por verem ali o seu trabalho, à mercê da apreciação dos visitantes.

Agradáveis impressões foram registadas para satisfação de professoras e alunos que tanto se empenharam, mas de entre elas, há a salientar o desabafo de um Pai, mais ou menos, nestes termos: «Pena é que uma Exposição destas, seja visitada por tão poucos Pais ou Encarregados de Educação» (segue-se assinatura).

Pois todos estavam avisados, todos possuíam um «Programa da Semana Cultural». Agora que se fala tanto de «traumas», que se quer evitar por todos os meios que a criança fique traumatizada, não será um «trauma» para um filho verifi-

car que os Pais ficaram indiferentes, insensíveis aos seus pequenos (grandes) trabalhos?...

A Exposição encantou, conquistou a atenção de muitos, com os pormenores de uma praia, de trabalhos de conchas, de um parque de campismo, de uma quinta, de um circo que fazia a alegria da pequenada e depois, muitos, muitos desenhos curiosos, álbuns relativos a Natal, a Outono, a Fão e seus costumes, a pesquisas sobre animais, etc., etc. Valeu a pena!

As nossas professoras, até a noite de S. João, lá passaram a montar a Exposição!

E estas, bein?...

CIRCOM EM OFIR

De 20 a 23 de Junho esteve reunido no Hotel Ofir o Comité Internacional de Rádios e televisores da Europa.

No dia da abertura os participantes foram recebidos na Câmara, tendo usado da palavra a Presidente da Câmara, Prof.ª Laurentina Torres e o dr. Francisco Sampaio, da Comissão Regional de Turismo do alto Minho.

Para além das sessões de trabalho realizaram-se passeios por Viana, Esposende e pela rota do Vinho do Porto.

De salientar que a Banda dos B. V. de Esposende executou um concerto ao ar livre que muito entusiasmou os visitantes.

CLIPÓVOA - Clínica Médica da Póvoa de Varzim, S.A.

SAÚDE É CONNOSCO

Sofre de pedra nos rins ou no ureter?

Sabe que a LITOTRÍCIA extracorporal sem cirurgia nem riscos de qualquer ordem pode resolver o seu problema?

Telefone para a CLIPÓVOA e marque a sua consulta com os nossos urologistas.

CLIPÓVOA — TELEFONES: 685111/685123/685135

LUGAR DE PENOUÇES

APARTADO 130

4490 PÓVOA DE VARZIM

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO